

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Livro de Pernambuco Class.: Truká 25

Data: 27/04/92 Pg.: _____



Foto: Otávio de Souza

O truká Pedro Alberto Maciel aponta as terras ambicionadas pelos posseiros que lhe mataram o filho, visando continuar explorando a raça entre a vegetação e plantio da terra, onde até crianças ajudam

Seitas invadem os corações dos índios

A morada dos trukás é pobre, assim como a dos inúmeros sertanejos carentes que se espalham por aquela região, onde os homens insistem em atrelar seus destinos aos desígnios de Deus. Das casas de taipa dos índios, no entanto, não são os cânticos em louvor a Tupã que se ouvem mais. Sons evangélicos, emitidos por rádios de pilha arrebanham, a cada dia, um número crescente de índios já com poucas referências culturais e religiosas de sua origem.

O próprio cacique dos trukás, Joaquim Pereira da Silva, gosta de negar a interferência das seitas evangélicas em solo indígena. "Aqui somos todos católicos", diz com tranqui-



No antigo convento das freiras católicas, os índios trukás comemoraram o dia da padroeira

lidade. Apenas o Toré, dança em agradecimento, compõe entre eles o pequeno acervo cultural deixado pelos antepassados. "Nossa gente vive cansada e com muita fome por isso, não é sempre que temos motivos para o toré", lamenta o cacique. Quando não estão ocupados

com suas culturas de cebola e feijão, ou tentando disfarçar a fome de alguma forma, os trukás se envolvem na maior festa da tribo: a de Nossa Senhora Rainha dos Anjos.

Nossa Senhora Rainha dos Anjos é uma santa católica que acabou se convertendo na padroeira dos índios trukás pela catequização cristã e por uma história que envolve o imaginário de todos na tribo. Segundo afirmam, a imagem da santa foi encontrada um dia, nas proximidades do rio São Francisco. "Um dia ela foi roubada, não sabemos por quem, e temos, agora, uma réplica dela", disse o cacique. Durante o dia 15 de agosto, os índios a veneram durante nove dias de novena, assim como os fiéis católicos.

Essa é uma prática comum a todos os trukás, independente de idade. Entre os mais velhos, no entanto, o conhecimento dos antepassados ainda perdura com mais resistência. "Muita coisa a gente não pode dizer aos brancos, porque eles não nos deram muitos motivos de confiança.

Funai passa atestado de pobreza

Para os trukás, ser índio significa ser uma "semente da terra". Pelos incentivos governamentais oferecidos a eles atualmente, é difícil supor que essa semente poderá germinar e oferecer bons frutos. A crise financeira vivida pela Funai, da qual nenhum índio pode ser responsabilizado, beira ao constrangimento entre a tribo da ilha Nossa Senhora de Assunção.

A saúde entre os trukás é precária. Suas crianças, subnutridas, estão sempre doentes de males adquiridos pelo íntimo contato com a pobreza. Mesmo assim, a farmácia do posto indígena não tem remédios suficientes, sequer os mais simples capazes de combater verminoses. Há algum tempo, a tribo não recebe os medicamentos, que, segundo o chefe do posto, Sérgio de Souza, deveriam ser enviados pela 8ª Dires, da Secretaria de Saúde do Estado. Como doença não bate à porta e nem escolhe sua vítima, a alternativa encontrada foi abrir uma linha de crédito direta com uma

farmácia de Cabrobó para a aquisição dos remédios necessários.

O "jezinho", que mal ou bem vinhe atendendo aos doentes entre os Trukás, entretanto, foi suspenso por tempo indeterminado. A Funai conseguiu totalizar um débito de Cr\$ 450 mil junto à

Farmácia Modelo, de Cabrobó. O dinheiro para saldar a dívida não veio, o trato foi cortado e os índios prejudicados. "Ainda nos aperreia é a falta de um transporte para socorrer alguém. O que temos aqui é velho e fica na mão do chefe do posto", disse o cacique.

Até o próprio combustível para a velha camionete é um "arrego": o que deveria ser obrigação da Funai, se transformou numa ajuda da Prefeitura de Cabrobó de 30 litros de gasolina por semana. De concreto, entre os Trukás, apenas a placa de identificação da tribo permite que o nome da Funai seja sempre lembrado.



Sérgio de Souza, chefe do posto indígena dos Trukás: administrando, como pode, a fome

Guerreiros do passado vivem de migalhas

Rozilene Fernandes

O rio São Francisco corre manso e farto a poucos metros das terras dos índios Truká, em Cabrobó, Sertão de Pernambuco. A generosidade do "Velho Chico", no entanto, nunca foi capaz de amenizar a pobreza e as dificuldades enfrentadas por aquele povo até hoje. Tribo conhecida como guerreira no passado, os trukás estão agora calados e quase resignados com a pouca sorte que o destino reservou. O silêncio, como admitem, vem da mágoa de esperar por promessas concretizadas pela Funai, capazes de oferecer melhores condições de vida para todos. Os índios perderam a época do plantio, vindo com as primeiras chuvas de março, pela não distribuição de sementes, não contam com médicos e remédios e, ainda, sofrem com os inúmeros débitos acumulados pela Funai junto as casas comerciais locais.

Desde o século XVII a tribo Truká vive na região meridional do rio São Francisco. Com os primeiros contatos com os brancos, sua história se converteu, de acordo com documentos, numa sucessão de perdas territoriais. Seus terrenos já foram roubados, há tempos remotos, por um juiz de Direito através de uma ação ilícita para poste-

rior arrendamento com os não-índios. Sobreviveram e se readaptaram naquela região para enfrentarem na década de 20, novas mentiras do branco colonizador: um bispo de Pesqueira, dizendo-se dono da ilha Nossa Senhora de Assunção (moradia dos Trukás) vendeu-a ao tenente-coronel João Parente de Sá, figura prestigiada no Sertão.

Foram necessários 30 anos para que o então serviço de Proteção ao Índio (SPI) promovesse uma ação judicial de anulação dessa venda com o retorno das terras da ilha para os trukás. Segundo documentos do Conselho Indigenista Missionário (Cimi), entidade não-governamental de apoio ao índio, esse processo até hoje tramita na Justiça. A única vitória conseguida por eles ao longo dos últimos anos, foi a recuperação de parte de seu território original (seis mil hectares), em 1981 através de um processo judicial de reconquista.

Falta de terra — Esse fato, porém, não veio solucionar a questão fundiária dos índios. A demarcação das terras, um processo longo e burocratizado, não tem previsão de início junto aos trukás. A área em que vivem foi identificada apenas em 1984, mas um novo levantamento agrário terá que ser efetuado para que a demarcação se-



Cacique truká (d), Joaquim Pereira, na interferência das evangelizações

ja feita porque a primeira não foi aceita pelo Governo federal. De acordo com a Funai, os trukás têm direito a 1.650 hectares de terra. Com 50 posseiros em sua área, ocupam, na verdade, 350 hectares atualmente.

Pouco menos de mil índios compõe a tribo Truká. Acompanham inconformados o crescimento de suas famílias sem que a questão das terras tenha uma definição por parte do Governo. Os conflitos com posseiros envolvendo limites de terrenos são comuns. Pedro Alberto Maciel, perdeu há dois anos seu filho mais velho, Antônio Gilvan da

Silva em defesa de terras dentro da área indígena. "Estávamos todos em casa quando alguns homens se dizendo policiais federais mandaram eu abrir a porta. Empurraram eu e meu filho dentro de um carro. Tive mais sorte; estou vivo".

Ajuda policial — De olho no futuro obscuro, o cacique Joaquim Pereira da Silva, solicitou há três meses junto a Funai, a presença de um policiamento permanente na reserva indígena a fim de conter a violência. O silêncio, foi a resposta adquirida pelos trukás. "A Funai só nos recebe de cara grossa quando tentamos resolver os nossos problemas. Muitos de nós já não acreditam nela e até esqueceram que ela existe", disse o cacique.

Ainda no rol de promessas, que os índios asseguram nunca terem sido cumpridas, estão um trato para aragem da terra — pedido há 30 anos —, 1.500 kg sementes de feijão e 700 de milho, para a produção agrícola desse ano, uma casa de farinha e bombas para puxar água do rio — das que chegaram ao posto indígena Truká, uma está guardada, outra foi roubada e duas levadas para Recife. "Estamos usando uma que foi emprestada e que serve para quinze índios", disse Antônio Florêncio, uma das lideranças local. O chefe de posto, e funcionário da Funai, Sérgio de Souza, sabe das dificuldades dos trukás. "Venho fazendo o que o meu cargo permite. Os problemas surgem aqui, mas não são resolvidos no posto", disse.



Funai abandona raça indígena a partir dos seus primogênitos, crianças que aguardam um novo amanhã